



VIOLÊNCIA NA CONJUGALIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA HISTÓRIA DO CASAMENTO, ONTEM E HOJE

Leila Sala Prates Ferreira,
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: sallaprates@gmail.com

Tania Rocha Andrade Cunha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: rochandrade@uol.com.br

2979

INTRODUÇÃO

Na nossa pesquisa do Doutorado, em andamento, pretendemos suscitar uma reflexão sobre a percepção de mulheres de diferentes gerações a respeito da violência no casamento, bem como, analisar a influência da memória social no processo de modificação ou manutenção dos padrões da violência doméstica, especificamente, da violência conjugal.

Utilizamos como ponto de partida para essa jornada a pesquisa que desenvolvemos no Mestrado do Programa de Pós-Graduação de Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB: “QUANDO A VÍTIMA É CULPADA: A CRIMINALIZAÇÃO SOCIAL DA MULHER QUE SOFRE VIOLÊNCIA”¹, dando assim, continuidade aos estudos sobre a violência praticada contra as mulheres, mas, visando agora, investigar como mulheres de diferentes gerações percebem a violência doméstica nas relações afetivas e quais os fatores que mais condicionam esse modo de pensar.

Por conseguinte, iniciamos nosso estudo pelo fenômeno cultural da desigualdade social entre homens e mulheres, que, para nós, possui sua base na denominada cultura patriarcal. Posteriormente, partimos para uma análise da construção social do feminino e sua relação direta com as instituições: família, educação e religião, principais pilares culturais de formação da identidade.

De acordo com Saffioti (2004), a hegemonia da figura masculina consolidada ao longo da história continua viva no âmbito familiar, principalmente por meio do legado

¹ FERREIRA P. S. Leila; ROCHA Tânia. QUANDO A VÍTIMA É CULPADA: A CRIMINALIZAÇÃO SOCIAL DA MULHER QUE SOFRE VIOLÊNCIA. Dissertação (Mestrado em Memória, Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Acesso em janeiro de 2021, disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2020/03/DISSERTA%20C3%87%20C3%83O-DE-LEILA-SALA-PRATES-FERREIRA.pdf>.



desse sistema de dominação que mantém vivo os seus tentáculos que são passados de geração a geração até os dias atuais.

Nesse contexto, partimos do pressuposto de que a família é a maior condutora de valores sociais e culturais e que partiria dela a herança dos valores dominantes quando nos referimos às relações afetivas e à violência conjugal. Segundo Whitaker (1988) é na família que são construídos os primeiros moldes nos quais as crianças são educadas e programadas, o que gera uma reprodução dos hábitos e costumes familiares.

Desse modo, a nossa sociedade é herdeira de uma cultura patriarcal que, historicamente, coloca a mulher num papel de submissão e inferioridade. Nesse sistema houve uma naturalização dos papéis atribuídos ao feminino e ao masculino, ou seja, uma verdadeira construção social dos papéis de gênero.

Estudar a violência doméstica é, antes de tudo, estudar as relações sociais, pois como afirma Cunha (2007, p. 21), “As mulheres, que, historicamente, sempre foram consideradas como sexo frágil, tem sido o principal alvo de humilhação, umas das piores vítimas de violência por parte dos homens”.

Na pesquisa, ainda buscaremos compreender o papel da memória nesse processo, visto que por meio da memória temos o poder de transportar hábitos, conhecimentos, representações, dentre outros. Em outros termos, a memória tem o condão de alimentar a permanência ou mesmo a atualização de conceitos, tradições e visões de mundo que acreditamos terem ficado no passado (HALBWACHS, 2006).

A partir dessa perspectiva, a nossa intenção é contribuir para o estudo a respeito da condição da mulher na família, no casamento, no amor e, especialmente, em relação a violência que ocorre na conjugalidade, que, por sua vez, perpassa diferentes gerações de mulheres. Para tanto, elegemos como objetivo principal analisar a percepção de mulheres que se casaram no século XX e início do século XXI sobre a violência sofrida na conjugalidade.

Para alcançar nosso objetivo principal, traçamos os seguintes objetivos específicos: Investigar a influência do patriarcado e os reflexos da memória coletiva e social na construção do feminino; compreender o percurso da história da família, do casamento e da construção social do amor até os dias atuais e analisar a violência na conjugalidade diante das narrativas de mulheres que se casaram no século XX e dos relatos publicados na mídia (sites da internet) na última década, século XXI.



Feitas essas considerações, pretendemos responder, por meio dessa pesquisa, alguns questionamentos: em que se assemelham e se diferenciam a violência conjugal na percepção das mulheres vítimas de violência conjugal em diferentes décadas? Quais os fatores determinantes que mantiveram ou modificaram esse fenômeno social?

METODOLOGIA

Para a nossa pesquisa, objetivando compreender a violência conjugal e sua transcendência no tempo e espaço foi preciso traçar um percurso metodológico que, primeiramente nos permitisse confirmar ou negar a existência e/ou manutenção da violência conjugal em uma determinada temporalidade, assim como, refletir o papel da memória social nesse processo.

Nesse esteio, optamos por uma pesquisa qualitativa, realizada por meio da análise documental de 20 (vinte) entrevistas, anteriormente realizadas por outros pesquisadores, constituindo o *corpus* referencial do século XX e por meio de 20 (vinte) relatos selecionados publicados na mídia (sites da internet) nas duas décadas do século XXI, com mulheres vítimas de violência conjugal.

Assim, diante do exposto, em relação à metodologia da pesquisa, para nos auxiliar na análise das entrevistas e relatos selecionados, utilizaremos a técnica da análise de conteúdo. Diante dessa técnica, primeiramente, buscaremos a classificação das categorias que irão nos auxiliar na compreensão do que está por trás dos discursos das mulheres vítimas de violência no casamento.

A análise de conteúdo alcançou popularidade a partir de Bardin (1977). Numa breve síntese, podemos dizer que o caráter social da análise de conteúdo é uma técnica com intuito de produzir inferências de um texto para seu contexto social de forma objetiva (BAUER; GASKELL, 2002).

Após a análise documental das entrevistas e relatos, procederemos uma análise à luz das construções teóricas sobre o tema, utilizando para isso as fontes bibliográficas sobre a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Muitos estudiosos apontam o patriarcado como uma das principais explicações históricas para a desigualdade social entre homens e mulheres. No Brasil, esse processo se estabeleceu desde a colonização, marcada pelas unidades familiares, pelo latifúndio,



pelo escravagismo, e, principalmente, pela cultura baseada em princípios patriarcais. Aqui, surge a reflexão sobre a história do patriarcado, principalmente, como modelo de dominação e exploração das mulheres, o que nos permitiu relacionar a memória coletiva e/ou social como veículo mantenedor de valores culturais.

Ao abordarmos a memória coletiva numa perspectiva de gênero, percebemos que ela possui um movimento de recepção e transmissão que, por sua vez, permite a perpetuação dessa memória, ou seja, essa memória é formada por práticas culturais, tradições, valores, ritos, crenças, dentre outros, que são determinadas, muitas vezes, por representações do que é ser homem e ser mulher na história.

2982

CONCLUSÕES

Os estudos teóricos, a pesquisa de campo e a análise dos dados colhidos, até a presente data, não nos fornece, ainda, conclusões, o que ocorrerá a partir da análise dos dados que realizaremos nas próximas etapas do trabalho.

É verdade que evoluímos e que muitas foram as conquistas alcançadas pelas mulheres no decorrer das últimas décadas. Contudo, é fácil observar, ainda hoje, a presença de valores que celebram as diferenças sexuais e que disseminam a violência contra as mulheres, ou seja, uma memória herdada da cultura patriarcal que permanece incutida no imaginário social de uma forma tão profunda que se torna natural ou, pelo menos, tolerada.

A proposta é trazer uma fundamentação teórica a uma abordagem reflexiva sobre a família, o casamento, o amor, a religião, institutos condutores de memórias patriarcais que, por sua vez, refletem nas relações conjugais tanto do século XX, quanto do século XXI.

Em uma das nossas observações, conseguimos fazer um comparativo de, por que as mulheres casam? Aqui, após a análise dos dados, verificamos que as mulheres do século XX se casaram, na maioria das vezes, para sair da casa dos pais; já as mulheres do início do século XXI se casaram ou ainda se casam almejando um amor romântico.

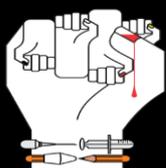
Até este momento da pesquisa observamos que a violência conjugal permanece presente nos dois séculos estudados, mantendo seus parâmetros e formas, contudo, cada vez mais brutal e violenta. Verificamos também que a cultura patriarcal, ainda presente nos dias atuais, é um dos fatores determinantes para a manutenção da violência no casamento, visto que se reinventa e resiste ao decurso do tempo por meio da memória

Realização:



Apoio:





social herdada e transmitida. Assim, após a codificação dos dados, pretendemos buscar respostas sobre casamento, violência, amor, religião e outras opiniões e percepções das mulheres.

Por fim, diante dos dados obtidos até o momento, observamos que na relação homem e mulher, o homem ocupou e ainda ocupa a posição de mando e continua exercendo seu poder e autoridade, sendo a violência conjugal uma realidade na sociedade moderna, que, por sinal, teve índices alarmantes de aumento durante a pandemia da COVID (2020/2022).

2983

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Mulher. Casamento. Memória.

REFERÊNCIAS

ALDER, C. **La violence, les sexes et le changement social**, in Revue Internationale des Sciences Sociales, n. ° 132, 1992.

BARDIN L. **L'Analyse de contenu**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977.

BAUER, M.; GASKELL G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O preço do silêncio: mulheres ricas também sofrem violência**. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. TRADUÇÃO DE Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MINAYO, Maria Cecília S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 16. ed. Petrópolis: RJ. Vozes, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & Homem: o mito da desigualdade**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1988.

Realização:



Apoio:

